

FMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Journal	A Tarde	
Data	10.10.91	
Codemp	Página 7	
Seção		
Assunto	Habitação	

Famílias de invasão cobram mais atenção da prefeitura

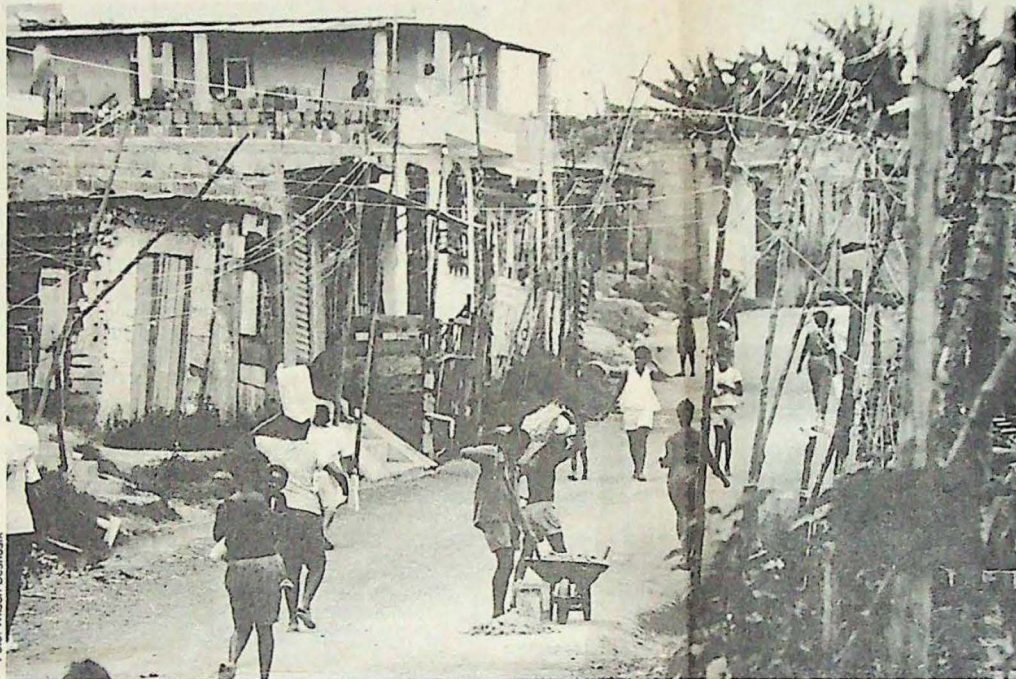
Vera Schumann

Para se viver na Nova Constituinte é necessário bem mais que um "emendão a presidente Collor". A conclusão é dos moradores da invasão situada entre Periperi, Coutos e Vista Alegre, no subúrbio, ao enumerarem os reflexos do abandono das autoridades ao longo dos seis anos de existência. A lista é longa e, dos itens contidos, nenhum deixa de ser prioritário. Água encanada, energia elétrica, saneamento básico e pavimentação, além de transporte, entre os primeiros.

Todas essas questões, entretanto, terão que esperar mais ainda já que, atualmente, a comunidade, estimadamente em cerca de cinco mil famílias, está sem representação desde o assassinato do presidente da entidade, conhecido por Guaxinim. Como até agora nenhum morador ou mesmo o vice se apresentou para conduzir a associação, o espaço já começa a ser preenchido por representantes de comunidades vizinhas, com explícitas intenções eleitoreiras pichadas nas paredes. "Que jeito, senão esperar pelos homens?", resigna-se o pedreiro Fernando Antônio Ferreira, 32 anos, morando há seis no local para fugir do aluguel em Pau da Lima de onde veio com a mulher e os sete filhos — um prestes a nascer.

A rotina desses sobreviventes, como se autodenominam, começa às cinco horas da manhã, quando o Sol está nascendo — um panorama que se modificará a partir do dia 20, com o Horário de Verão. Adultos e crianças percorrem cerca de dois quilômetros para ter acesso ao transporte coletivo nos bairros vizinhos. "Aqui não tem escola pública, os meninos têm que se deslocar até o outros bairros a pé — ninguém aqui pode pagar uma escola", diz Fernando Antônio, referindo-se a duas pequenas escolas particulares existentes na invasão.

No decorrer do dia, os que ficam em casa, entre mulheres, crianças e desempregados, os afazeres se concentram na busca de água nas "fontes" — minadouros existentes nas imediações dos brejos que circundam o local. Quem possui reservatório passa melhor, principalmente nos próximos dois meses, quando o líquido escasseia. Em dezembro é seca total, fazendo com que a Nova Constituinte pareça um município do sertão em sua fase mais crítica. "De benefícios aqui, só houve intenção e promessa", prossegue o pedreiro, endossado por outra moradora do local há três anos, Nita Neiva Lima. Ela tem três filhos e uma geladeira que não funciona, já que sua casa não possui "gato" — um risco a mais nas estreitas ruas, que se soma à violência, sem policiamento para contê-la.



Cheios de problemas, os moradores da Nova Constituinte temem chegada de novos habitantes



Falta de saneamento é total e prejudica as famílias da invasão.

Perigo da superpopulação

Ao desânimo que paira sobre a Nova Constituinte, aproxima-se o risco da superpopulação, com a proposta do prefeito de transferir para lá as mais de duas mil famílias da Novos Alagados, na Suburbana. Estes últimos estão ocupando, desde o início da semana passada, uma área vizinha, em terra firme, também na Suburbana, já demarcada e batizada de "Nova Primavera", ainda que não tenha sobrado quase nada da vegetação que lá existia. "Não temos mais condições de ficar aqui, mas ir para a Nova Constituinte nós não queremos", disse, ontem, o presidente da Associação dos Moradores da Nova Primavera, Antônio Aldeban Bitonho, reafirmando a disposição dos moradores em continuar na nova área.

O argumento mais forte desses moradores contra a alegação da prefeitura de que a área ocupada é particular, está na sobrevivência. Afinal, apesar da poluição acentuada pelo lixo e esgotos na baía, ainda há condições de pesca naquelas águas, de onde tiram o sustento. "Na Nova Constituinte, o que é que esse pessoal

ia comer?", questionou, apontando as centenas de crianças — uma maioria que desde meados de 75, quando a invasão foi instalada, tem crescido e se multiplicado desproporcionalmente, como é comum entre a população pobre.

Para os moradores da Constituinte, o fato — novo para a maioria, já que pouco acompanham o noticiário — não há mais espaço nos poucos mais de 20 mil metros quadrados da invasão. "Só se for para colocar o pessoal nos brejos", comentou Fernando Antônio, lembrando que, de um projeto que a prefeitura anunciou sob o nome de mutirão, só uns poucos embriões foram erguidos, sendo esquecidos em seguida. A população mora em casas de taipa ou de alvenaria, numa engenharia que põe em xeque as leis da física, desafiando a gravidade em alguns casos. Um panorama propício para as eleições próximas, como admitem os moradores, que só nessas ocasiões têm chance de obter parte do que precisam para organizar a dura sobrevivência.